

de uma sùmula sùbre a evoluçãõ histùrica da província mineira. Por vèzes, é bem verdade, a cautela do historiador rigoroso parece perturbar a tarefa, correlata porèm diversa, do guia. Assim, a atribuiçãõ da arquitetura de Sãõ Francisco de Ouro Prêto ao Aleijadinho, feita com as reservas crìticas da simples autoria presumível, poderã parecer ao viajante leigo, que é o leitor de guias, mais uma insinuaçãõ do que uma afirmaçãõ, quando essa segunda impressãõ serã a desejada pelo sr. E. Cerqueira Falcãõ, sobretudo depois da publicaçãõ dos documentos da Ordem Terceira pelo cùnego R. Trindade. Igualmente, se hã referênciã ao intrincado problema da autoria do lavabo da sacristia, seria necessãrio insistir-se no valor de peçãs assimilãveis, como sejam os dois pùlpitos do arco-cruzeiro, bem como encarecer a autoria e a execuçãõ dominante, senãõ mesmo exclusiva, da portada e medalhãõ pelo Aleijadinho, pois a mãõ de Josê Antõnio de Brito (se, em verdade, seu "arremate" nãõ foi mero retoque complementar) nãõ conseguiu marcar sensivelmente a obra admirãvel. Nãõ queremos, estã claro, que a exatidãõ documentãria ceda à propaganda artìstica, mas tãõ sùõ gostarìamos de ver abertos os olhos do viajante comum para o que lhe pode mostrar, de forma mais eloquente, o carãter e o valor da obra de mestre Lisboa. Reparos equìvalentes poderìam ser feitos quanto à brevidade da indicaçãõ sùbre as figuras de madeira dos passos do Adro de Congonhas (em sentido oposto aos dos comentãrios sùbre Sãõ Francisco de O. Prêto, pois "autor responsãvel", para o leitor comum, pode dar idèia de autoria completa) ou à ausênciã de referênciãs à imitaçãõ ingênua da planta ovalada e da chinezice dos arremates — elementos significativos para a arquitetura religiosa de Minas — da pequena e comovente fachada da Capela do O' de Sabarã.

Numa palavra, o resumo de "Relìquias de Terra do Ouro" — cuja publicaçãõ continuamos a considerar muito importante — afasta-se um pouco do que se esperaria de um guia dos monumentos mineiros, tal como, tomando Ouro Prêto por centro de interêsse, o fêz Manuel Bandeira, cuja reediçãõ se continua a esperar. Se, contudo, "Nas Paragens do Aleijadinho" fôr lido como um repositùrio de dados, ùteis e precisos, que arriscavam ficar fora do alcance dos interessados, nãõ deixarã de, prontamente, evidenciar seus mèritos. A êsses, aliã, é preciso juntar e louvar o da inclusãõ, no volume, da relaçãõ comentada dos "artistas Coloniais Mineiros", tal como a organizou o esplêndido especialista que é D. Clemente da Silva Negra, O. S. B.

LOURIVAL GOMES MACHADO

BATTAGLIA (Salvatore). — *Nuovo Dizionario della Lingua Italiana*. U. T. E. T. Turim.

A escolha da maneira de celebrar os fatos notãveis da vida e da atividade, quer duma pessoa quer duma entidade, com certeza que é uma boa indicaçãõ da seriedade e do empêno com os quais se cumpre o trabalho. E seja-nos permitido aqui aproveitar muito gostosamente esta consideraçãõ para falar na iniciativa que acaba de ter uma das maiores organizações editoriais italianas, a U. T. E. T. de Turim, para lembrar o centenãrio da sua existênciã. A U. T. E. T. escolheu de fato, entre as suas muitas e notãveis

atuais iniciativas, o anúncio e a apresentação oficial do primeiro fascículo publicado (que não é o primeiro da ordem alfabética) do *Nuovo Dizionario della Lingua Italiana*, que está a cargo do professor Salvatore Battaglia, catedrático de filologia românica na Universidade de Nápoles.

Para dar uma idéia daquilo que esse Dicionário vai ser, quando estiver no fim, basta transcrever a notícia que acompanha o fascículo agora publicado: "*L'opera conterà di quattro volumi in 4.º grande su tre colonne, ciascuno di mille pagine circa. La pubblicazione del volume I è prevista entro il 1956; gli altri volumi seguiranno a distanza di un anno l'uno dall'altro*". A página em 4.º grande de três colunas, se se tiver em conta a freqüência dos caracteres tipográficos pequenos — como aparece do primeiro fascículo —, é natural que corresponda a 7-8 páginas dum livro em 16.º; trata-se portanto duma obra cujo conjunto vai ser constituído por mais de 30.000 páginas duma publicação habitual. Perante êste tamanho, e tendo em conta que esta obra é o trabalho de uma única pessoa, ficamos como que estonteados, e perguntamos donde podem vir proporções tão desnorteadoras: porém êsse primeiro fascículo nos dá a resposta. O Prof. Battaglia, cuja atividade no campo da filologia românica, caracterizada pelo excepcional equilíbrio entre a erudição do mestre e o calor do homem, é muito bem conhecida, pretendeu dar com esta obra um Dicionário "novo" não só no título mas também, além do que na substância, nas dimensões. Obedece e satisfaz êle uma suma de critérios, cada um dos quais por si mesmo já pode ser um programa: a qualidade da definição de cada palavra, a eventual distinção dos sentidos da mesma palavra, a averiguação do mais antigo testemunho baseando-se nos textos conhecidos, a natureza e a abundância das citações de autores, o acabado da citação, a continuação cronológica dos testemunhos literários e o comentário etimológico. Esta série de intuítos, que o Prof. Battaglia se propôs — e que menciona numa *Presentazione* provisória — está indicada pelo autor como sendo "*aspirazioni ideali e paradigmatiche*", desejadas "*piuttosto come miraggio che quale meta accessibile*"; mas é oportuno dizer já que, se uma "meta" como esta não aparecer alcançada neste "Novo Dicionário", merece a pena perguntar-se como é e quando é que ela poderá ser alcançada, pois que ao vermos o seu primeiro fascículo há o bastante para ficarmos cheios de admiração.

Exemplifiquemos com a palavra "abisso" (pág. 2, terceira coluna, e pág. 3, primeira e segunda coluna). O autor a define distinguindo nada menos que oito sentidos diversos com os quais a palavra costuma ser empregada, e para os quais se baseia no testemunho, respectivamente, de 8, 13, 10, 9, 27, 11, 1 e 6 autores. O "material" com que o autor tem edificado o edifício ideal desta palavra (como, com diligência e tenacidade análogas, tem edificado o das outras), assim reduzido em números, num elenco tão esquemático e árido, pode não ter muito sentido, no primeiro momento, para o leitor: mas para além destes números palpita — e não é difícil imaginá-lo, quem tiver refletido um instante — um mundo incandescente, constituído pelos encontros, e pelos embates, duma multidão irrequieta de figuras, máximas, notáveis e menores, da literatura italiana, desde os mais antigos autores de crônicas ou tradutores de livros religiosos até aos mais novos da nossa época, dos quais já esteja reconhecida a autoridade com res-

peito aos fatos lingüísticos e estilísticos. Pois também estilísticos: pois que aquilo que marca um cunho ao todo característico no “Novo Dicionário” de Battaglia é a amplidão de horizontes, no tempo e no espaço, em que a palavra é vista, não no seu sentido restrito, de um elemento separado do conjunto e portanto fatalmente mortificado — quando mesmo não estiver alterado, — mas na sua função de centro ideal dum organismo vivo.

Vem disso a sensação clara da exatidão com que o autor pode dar a definição, e fazer a história, de cada palavra, em volta da qual se dá, para quem souber ler, uma sugestiva e fascinadora batalha no colóquio tácito e ao mesmo tempo fervoroso que os vários escritores estão a travar idealmente entre si, como se cada um deles estivesse comprometido, com tôdas as suas energias, para superar os demais na luta de dar vida à palavra, e para lhes impor o sentido — ou os matizes dêle — que êle sabe expressar com essa palavra; vem disso também a sensação, não menos clara, da imensa vitalidade da tradição lingüística e literária italiana, à qual a oportuna evocação de tantos e tantos escritores restitui o legítimo prestígio.

O Prof. Battaglia, já especialmente benemérito, nos últimos tempos, pela revista — que se publica em Turim graças à iniciativa e sob a sua direção — *Filologia Romanza*, que se tem evidenciado na Itália pelo lugar de primeira plana que concede, nas suas páginas, às literaturas de linguas ibéricas, pode muito bem ficar e sentir-se satisfeito, por ser, êsse seu “Novo Dicionário”, um instrumento excepcionalmente útil para a cultura não só italiana.

GIUSEPPE CARLO ROSSI.

VIANA (Hélio). — *Capistrano de Abreu (Ensaio Bio-bibliográfico)*.
Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1955, 128 pp.

O Prof. Hélio Viana acaba de publicar, editado pelo serviço de documentação do Ministério de Educação e Cultura, um valioso estudo bio-bibliográfico sôbre a grande figura de historiador que foi Capistrano de Abreu, aquêle que, no dizer de Paulo Prado, foi, no Brasil, o “criador de uma escola de história, que não é somente *livro de livros*, mas estudo completo e complexo do drama humano no correr dos tempos, desde a compreensão dos ritmos mundiais, das fôrças instintivas e conscientes que dirigem os homens e as aglomerações sociais, até o detalhe pitoresco, palpitante, do viver cotidiano nas épocas passadas”. O nosso historiador era, no entanto, um autodidata que não chegara a levar a têrmos os estudos secundários e superiores. Aos treze anos fôra retirado da escola a fim de tentarem emendar-lhe a *preguiça e a vadiação*. . . “Lia muito, lia sempre, mas somente aquilo que despertasse a sua atenção, não o que lhe era imposto ou sugerido pelos professôres” (pp. 7-8). Bom seria que atentassem para isso os fazedores de planos, de programas e de *métodos* pedagógicos dêste pedagógico país. . . Se aos treze anos era, pois, retirado do colégio por vadiação, aos dezoito também tornava do Recife para o Ceará, onde a severidade do pai tencionava corrigi-lo, destinando-o aos afazeres agrícolas,